

SEGUNDO CONGRESSO OPERÁRIO BRASILEIRO

Congresso realizado entre 8 e 13 de abril de setembro de 1913 na sede da Confederação Operária Brasileira (COB), situada à rua dos Andradas, número 87, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Ao se chamar o congresso de “segundo”, frisava-se o não reconhecimento como operário do congresso realizado no ano anterior, em virtude da liderança de políticos alheios à classe.

Para a preparação do Segundo Congresso Operário Brasileiro, de 1913, a comissão organizadora expediu circulares a todas as associações operárias do Brasil de que se tinha conhecimento. O intenso desejo de realizar o congresso, que fez renascer a COB, devia-se à necessidade sentida de estudar os meios de levar adiante mais intensamente as resoluções do congresso anterior, realizado sete anos antes. Podiam aderir ao congresso só associações exclusivamente operárias, que fossem compostas de um mínimo de 25 sócios. Com a intenção de fazer um balanço geral das forças e das aspirações do proletariado brasileiro, foram convidados também representantes de todos os jornais considerados defensores sérios da causa operária. Fizeram-se representar os jornais *A Voz do Trabalhador*, porta-voz da COB, do Rio de Janeiro, *A Lanterna* e *Germinal*, de São Paulo e *O Trabalho*, de Bagé, sendo seus delegados, respectivamente Myer Feldman, Edgard Leuenroth, Antônio Esperidião e Astrojildo Pereira.

Participaram desse congresso 59 associações de trabalhadores: da cidade do Rio de Janeiro, a Federação Operária do Rio de Janeiro (com os delegados José Elias da Silva e Joaquim dos Santos Barbosa), o Centro dos Operários Marmoristas (Joaquim Nogueira e Alberto Marques), o Sindicato dos Sapateiros (José Ramos e José Caiazza), o Sindicato dos Carpinteiros (Francisco Reis e Antônio Monteiro), o Sindicato dos Operários das Pedreiras (Joaquim da Silva Santos e José Ferreira Ribeiro), o Sindicato dos Estucadores (Manuel Ferreira Garrido e Antônio Soares), o Sindicato dos Trabalhadores em Ladrilhos e Mosaicos (Demétrio Minana e José da Silva Meira), o Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos (Pedro Vila e Albino Moreira), o Sindicato Operário de Ofícios Vários (José Alves Diniz e Abílio dos Santos), o Sindicato dos Operários na Indústria Elétrica (Hermogênio Silva e Albino Hensel), a União dos Alfaiates (Antônio Moreira e Joaquim Pinto Leal Júnior), a União Geral dos Pintores (João Coelho de Abreu e José M. Martins), a

Fenix Caixeiral (Artur José de Sampaio e A. Eustáquio da Silva), o Centro Cosmopolita (Bento Alonso e José da Costa Pimenta), a Associação dos Empregados Barbeiros e Cabeleireiros (Manuel Fernandes e Domingos Ribeiro Cabral), a Liga Federal dos Empregados em Padaria (Antônio Ferreira Lório de Resende e Luís Antônio Lourenço), a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiches e Café (José Arias de Castro e Francisco Guilherme das Chagas), a Sociedade Fraternidade e Progresso (Caralampio Trillas e Miguel Guarnido); do estado do Rio de Janeiro, o Círculo Operário Fluminense de Niterói (Ernesto Justino e Álvaro Gonzaga), o Sindicato Operário de Ofícios Vários de Niterói (Antônio Devillard e Antônio Laje), o Sindicato dos Estucadores e Pedreiros de Niterói (Antônio Augusto de Azevedo e Deoclécio Augusto de Azevedo), o Sindicato dos Tecelões e Artes Correlativas de Niterói (Alcides José Soares e Lindolfo Cardoso), o Centro Operário Primeiro de Maio de Petrópolis (Manuel Borges e Carmine Antonio Nastaci); de Minas Gerais, o Centro Operário Sindicalista de Belo Horizonte (Ferreira Minhocal e Antônio Rodrigues Maças), o Sindicato dos Pedreiros de Belo Horizonte (Alessandro Zanella e José Nunes dos Santos), o Sindicato dos Carpinteiros de Belo Horizonte (José Martins e Valentim Fernandes), a Associação Beneficente Irmãos Artistas de Juiz de Fora (João Leuenroth e Alberto Jerônimo da Conceição), a União Operária de Juiz de Fora (Valdomiro Padilha e Jovelino Juvêncio de Oliveira), a Liga Operária Machadense, de Machado (Cândido Costa); da cidade de São Paulo, o Sindicato Operário de Ofícios Vários (José Romero e João Gonçalves da Silva), a União dos Canteiros (Antônio Gonçalves Nina e Antônio Rodrigues da Silva Júnior), a União Gráfica (Paulo Cruz e Tiberio Fratini), a União dos Chapeleiros em Geral (Rafael Cicchiatti e Júlio Battistella), a Lega fra Pastai e Affini (Alfredo Frateschi e Manuel Gonçalves de Oliveira); do estado de São Paulo, Federação Operária de Santos (João Crispim e Rafael Serrato Munoz), o Sindicato dos Pedreiros e Serventes de Santos (Maneul Perdigão e Augusto Marreiros), Sindicato dos Carpinteiros e Artes Correlativas de Santos (Antônio Venosa e Manuel Rios), o Sindicato dos Operários em Pedra e Granito de Santos (Francisco Garcia e Antônio Moutinho), o Sindicato dos Carroceiros e Chauffeurs de Santos (Manuel Campos e Antônio Diogo), União Operária de Cravinhos (José Alves e Paulino Rodrigues), a União Operária Beneficente de Franca (Joaquim Teixeira e Valdemar Teixeira), o Centro Operário Beneficente e Instrutivo de Jaú (Vitório Girardi e Faustino Garaldi), a Liga Operária de

Batatais (Adolfo Busse e Cirilo Ojeda), a Liga Operária de Campinas (Luís Deulefens e Pascoal Gravina), o Sindicato dos Canteiros de Ribeirão Pires (Artur Conde e Bernardo Reis); do Rio Grande do Sul, a Federação Operária do Rio Grande do Sul (Luís Derivi, Lucídio Marinho Prestes e Francisco Cardoso), a União Tipográfica de Porto Alegre (Oscar Closs e Jesuíno Martins), o Centro dos Trabalhadores de Passo Fundo (Antônio Cardoso e Adolfo Garcia Varela), a Federação Operária de Pelotas (Carlos Simões Dias), a Sociedade Beneficente dos Alfaiates de Bagé (Manuel Coutinho e Carlos Alberto Sapia); do Amazonas, a Associação das Artes Gráficas de Manaus (Rozendo dos Santos); do Pará, a União dos Operários Sapateiros de Belém (Angelo Sperduto e Cédio de Brito); de Alagoas, a Federação Operária de Alagoas (Virgínio de Campos e Cecílio Vilar), o Sindicato dos Sapateiros de Maceió (Natale Muratori e Zenon de Almeida), o Sindicato dos Alfaiates (Tomás de Aquino), o Sindicato dos Marceneiros de Maceió (Manuel Ferreira dos Santos e Jaime de Oliveira), o Sindicato dos Estivadores de Maceió (Luís Gonzaga), e o Sindicato dos Gráficos de Maceió (Honoré Cémeli, que não pôde comparecer). Outras oito federações e sindicatos não puderam enviar delegados mas declararam adesão ao congresso. Trabalhadores da Argentina e do Uruguai enviaram também um delegado, atendendo aos apelos da comissão organizadora. O representante das Federaciones Obreras propôs uma ação comum por parte do operariado sul-americano, o que foi acolhido com enorme entusiasmo pelos participantes.

Assim como nas resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, no Segundo Congresso aconselhou-se os trabalhadores organizados em sindicatos a se manterem inteiramente no terreno da ação direta de pressão e resistência ao capitalismo, sem adesão a uma ideia política específica, para evitar conflitos, considerando as diferenças de opiniões políticas e religiosas entre os trabalhadores. Em relação aos meios de ação dos quais o operariado deveria se utilizar, foram também reafirmadas as decisões do Primeiro Congresso, quais sejam a greve geral ou parcial, o boicote, a sabotagem, as manifestações públicas, entre outras, de acordo com as circunstâncias e sempre respeitando o princípio da ação direta. Reafirmou-se a luta contra o trabalho por obra ou por empreitada. Decidiu-se por evitar ao máximo a burocratização dos sindicatos, recusando a elaboração de estatutos e regulamentos muito rígidos. Defendeu-se a conveniência da criação de seções de sindicatos em cidades grandes. Enfatizou-se a necessidade de realizar campanhas e excursões para

estimular os trabalhadores rurais a se organizarem e para denunciar as condições de exploração do trabalho no campo. Defendeu-se a conveniência da organização federativa dos trabalhadores. Decidiu-se que todos os sindicatos confederados deveriam adotar o uso de um sinete de forma redonda com os dizeres Confederação Operária Brasileira – Bem-estar e Liberdade. Indicou-se como meios de luta mais adequados a serem empregados para a propaganda do sindicalismo as conferências e palestras, excursões pelos subúrbios, distribuição de jornais, folhetos e manifestos, excursões pelos estados, ajudando na organização dos operários. Aconselhou-se que a defesa do salário mínimo e da limitação da jornada de trabalho se fizesse pela ação direta. A imprensa foi defendida como o meio mais eficaz de educação dos trabalhadores, e para isso insistiu-se na necessidade de criação de novos jornais de propaganda sindicalista e da mais ampla divulgação do jornal da COB. Aconselhou-se aos sindicatos a criação e divulgação de escolas racionalistas, ateneus, cursos profissionais de educação técnica e artística, além da edição de livros e folhetos. Manifestou-se oposição ao cooperativismo, considerado contrário ao princípio da resistência. Aconselhou-se com veemência a recusa e o afastamento de modo absoluto do sindicalismo católico, entendido como engano e convite à passividade. Defendeu-se uma extensa e ininterrupta campanha contra o alcoolismo. Decidiu-se que a COB e as associações operárias deveriam fornecer informações sobre as condições de vida e de trabalho no Brasil aos trabalhadores dos países que enviavam emigrantes para cá. Defendeu-se a necessidade de uma constante propaganda antimilitarista e o internacionalismo, considerando a identidade de interesses entre todos os proletários do mundo.

A sessão encerramento dos trabalhos terminou ao som do *Hino da Internacional*. Entretanto, o encerramento definitivo do congresso se deu no Teatro Lucinda, no dia 22 de setembro, com a presença de muitos trabalhadores. O congresso repercutiu em todo o país, e suas discussões acaloradas, com grande presença de ouvintes, deu novo ânimo ao movimento sindical, traduzido no surgimento e fortalecimento de muitas organizações operárias.

Edilene Toledo

FONTES: BATALHA, C. *Movimento*; FAUSTO, B. *Trabalho*; HARDMAN, F.;
LEONARDI, V. *História*; MARAM, S. *Anarquistas*; PINHEIRO, P.; HALL, M. *Classe*.